

Em guerra por ouro e cocaína

Noênio Spinola

O s cantos de guerra dos índios brasileiros e dos heróis da defesa do meio ambiente podem estar escondendo um zumbido maior, subterrâneo, que vai muito além da defesa da selva e se relaciona diretamente com as fronteiras brasileiras. Números: em 1980 os garimpos produziram 25,5 toneladas de ouro. Em 1984 a produção foi estimada em 54 toneladas, pulando para 70 toneladas em 1987. Há quem estime uma produção global de 100 toneladas de ouro no Brasil no ano passado, das quais foram oficialmente registradas menos de 50. Em 1987 as grandes mineradoras produziam 13 toneladas e a reciclagem outras 8. É possível que o garimpo, sozinho, esteja produzindo mais de 100 toneladas. Quaisquer que sejam as estatísticas corretas, em termos simples metade do que o país produz se perde pelo contrabando, pela falta de registros ou a estocagem na sombra.

Sempre houve uma disputa sobre como regularizar a produção do ouro no país, com as mineradoras defendendo uma mecanização maior, e outros alegando que a extensão territorial do Brasil e as dimensões da selva jamais dispensariam a figura do garimpeiro: é ele quem abre picadas como pode e funciona como uma espécie de infantaria para consolidar o território nacional.

O mundo produz cerca de 1 500 toneladas de ouro, o que dá ao Brasil, cuja produção global foi estimada pela Goldmine em 83 toneladas para o ano de 1987, uma posição importante, porém ainda marginal. O que não é marginal são as taxas de crescimento desse mercado: o ouro movimentado em 1985 entre compras e vendas em balcão e nas Bolsas pulou de menos de 50 toneladas em 1985 para quase 400 toneladas no ano passado. No mercado à vista, no mesmo período de tempo, o movimento passou de menos de 1 para mais de 6 bilhões de dólares. Enquanto isso, as exportações de ouro do Uruguai para os Estados Unidos caíram de 35 toneladas para menos de 5. Qualquer pesquisa que vá investigar os dados relacionados com o contrabando pela Bolívia ou pelas fronteiras do Amapá e de Roraima encontraria dados suficientes para demonstrar a agilidade do ouro produzido aqui, sua capacidade de fuga e sua sensibilidade aos preços.

Muitas coisas contribuíram para o aumento e a transparência da produção brasileira: foi preciso superar a tendência da Receita Federal e dos Tesouros estaduais para taxar a produção no garimpo. A legislação passou a ser mais inteligente, procurando as últimas etapas da industrialização e comercialização. Melhorou também a organização dos mercados à vista e futuros, além da profissionalização de muitas fundidoras. Não fica tão longe assim o tempo em que se revestia chumbo com ouro para empurrar barras falsificadas aos otários. Até um grande banco comercial foi vítima de uma tentativa de desova de um estoque de cidadãos supostamente responsáveis, estoque esse que, uma vez derretido, deixaria muito pouco ouro e muito metal sem valor no fundo dos cadinhos. Sistemas de custódia inteligentes e não-monopolistas no eixo Rio-São Paulo (monopólios aumentam custos por falta de competição) devem contribuir para que os mercados cresçam mais ainda e transformem o Brasil, em um espaço relativamente curto de tempo, no terceiro ou quarto mercado mais importante do mundo nas cotações, na custódia e na comercialização do ouro.

Quem está perdendo com isso? Geograficamente o ouro está consolidando as fronteiras do país, ao norte. Isso significa não apenas ouro, mas ainda pedras preciosas e vastíssimas jazidas de outros metais nobres e matérias-primas estratégicas. Há, porém, um personagem sinistro que também se infiltrou nas selvas e quer tirar sua fatia do negócio: trata-se do narcotráfico. Enquanto o ouro organiza, o narcotráfico desorganiza. O narcotráfico não quer fronteiras legal-

mente vigiadas e estabelecidas, porque isso impede sua mobilidade; não quer um sistema de trocas de reservas legal, porque o dinheiro da coca se paga em espécie, em dólar ou ouro. E não quer sistemas políticos instáveis, porque precisa corromper as polícias, os exércitos e os guerrilheiros em busca do apoio indispensável para estabelecer suas cabeças-de-ponte nas grandes cidades.

O Departamento de Estado americano, durante os governos Carter e Reagan, tentou estabelecer contatos e estratégias na América do Sul para criar uma frente contra o narcotráfico. O governo Bush começou com o pé esquerdo, porque *The New York Times* e outros jornais americanos descobriram o problema ecológico da Amazônia sem procurar entender o problema muito maior da pobreza dos países andinos, as motivações dos movimentos guerrilheiros no amplo arco de fronteiras da Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Guianas e, *last but not least*, o envolvimento do narcotráfico com tudo o que se passa na selva, onde se planta e se esconde a coca como se plantam os tipos suaves de cafés colombianos.

O FBI está cansado de saber que as rotas de distribuição da selva e dos Andes passam hoje pelo Rio e São Paulo. Foi uma reportagem publicada em *The New York Times*, feita por uma correspondente que por questões de espaço ou de tempo abordou apenas uma parte dos problemas da Amazônia, que levou o secretário Baker a interpelar o Ministério das Relações Exteriores japonês sobre a ajuda ao Brasil para construir estradas que podiam balançar o equilíbrio ecológico das florestas tropicais. Senadores cujos escritórios têm *lobbies* ativos na área devem também contribuir para tumultuar o diálogo Brasil-Estados Unidos. Esses interesses ignoram que muito mais nefasto para o equilíbrio ecológico na América são as toneladas de cocaína que os americanos consomem, e que jamais serão erradicadas enquanto os birôs políticos do Departamento de Estado não descobrirem uma estratégia e uma agenda positiva e inteligente de desenvolvimento ao sul de sua linha de fronteiras com o México.

Em Caracas, durante a posse do presidente Andrés Pérez, o presidente José Sarney tentou vender a idéia dessa agenda ao vice-presidente Dan Quayle, mas a própria imprensa americana se encarregou de dizer que a capacidade intelectual de Quayle para entender mensagens desse tipo era reduzida. Além do mais, vindo de Indiana, Quayle se alinharia com os argumentos dos fazendeiros americanos do meio-oeste que não querem um competidor nas vastas terras tropicais ao Sul do Equador. A segurança venezuelana na porta da suite do Caracas Hilton, onde Sarney recebeu Quayle, se encarregou de hostilizar o *pool* dos repórteres da Casa Branca, que como todo *pool* de imprensa americana se ofende rápido com a grosseria de "latinos". Resultado: o encontro dos americanos com os brasileiros terminou mudo. Uma nota do *pool* na sala de imprensa montada pela Casa Branca registrou a conversa de Quayle com Sarney com uma única linha de texto, dizendo que não foi possível apurar nada.

Mas não é só o corpo de correspondentes estrangeiros que se encarrega de pesquisar apenas as espumas negras, ou de se encantar com a volta ao primitivo ouvindo o canto dos Yanomamis e esquecendo a malária, a miséria e a fome que podem encontrar alternativas na exploração mineral e agrícola organizadas do último espaço vital aberto para a população brasileira. Já houve tempo em que alguns estrategistas militares defendiam no hemisfério Norte a tese da inevitabilidade de guerras localizadas ao sul de suas fronteiras. Que saudades de Ronald Reagan. O somatório de fiascos diplomáticos, pela inércia lá de fora, bem pode resultar na defesa de uma tese tão exótica quanto a de que é melhor queimar um pedaço da Amazônia com *napalm* para erradicar a cocaína. Será o fim do oxigênio de qualquer maneira.

